

CINEMA DE MÁSCARAS

POR FELIPE BRAGANÇA

CINEMA DE GÊNERO

(ROSTOS, CINEMA DE GÊNERO, IMAGINAÇÃO)

Na base, a paisagem, o travelog, o registro aventuroso do espaço como legitimação da descoberta. Na base, o encontro em grande escala com o rosto, o fantasma do humano, o fantasma do afeto, o nó no tempo, a suspensão em prol de um sentimento posto em cena.

As possibilidades da reocupação humana do tempo nos convidam para essa perene lembrança do vazio, da falta essencial de sentidos na qual estamos inseridos como observadores e agentes.

O rosto nu e quieto da morte é o rosto do real, é a evidência da finitude, do enigma de onde não se narra, não se desdobra nada. Mas eis que na paisagem o rosto se move, se contorce, se distorce e vai construindo em sua superfície um sem-número de pistas, de contactos, de clichês que nos mantêm em um sobrevivente estado de invenção: a este estado criativo, vamos aqui chamar de “estado de máscaras”. Essas máscaras, que nos contorcem os rostos, todos os dias, são a origem mais simples e cotidiana de todos os gêneros cinematográficos narrativos. São nossas mais comuns fantasias.

Se me pedem para falar de cinema de gênero, como o vejo e trabalho, digo que os gêneros não são muito mais do que umas máscaras com as quais deixamos a casca da vida um tanto mais palpável, visível, compartilhável e encantadora. O choro, a lágrima, o sorriso, as sobrelhas da dúvida e da raiva, a boca aberta do susto, os olhos arregalados do medo.

O cinema fantástico de gênero que me interessa, portanto, é o que encena o mistério da vida da única forma possível: por um conjunto de reminiscências narrativas orquestradas para iluminar um pouco o labirinto de nossas experiências sem fim e sem começo.

Os gêneros cinematográficos, deste lugar de onde falo, são uma tentativa assumidamente falha de fazer o vazio da experiência se desdobrar a nosso favor – é uma dinâmica do jogo, da brincadeira, do truque, do carnaval diante do abismo. Uma máscara não substitui ou “esconde” um rosto, um gênero não substitui a vida (ou a morte) – a questão aqui é a manutenção da caminhada como artifício de signos visíveis do invisível. A máscara é o rosto em seu limite de explosão.

“As superfícies desiludem” – é uma fala de João de Deus em um dos diálogos antológicos de *Recordações da casa amarela*, de João César Monteiro, diretor a flertar constantemente com a máscara da comédia erótica e com a fantasia no norte de seus gestos de liberdade.

Bang bang





A mulher de todos

A meu ver, as “superfícies” – dos gêneros –, eu tentaria continuar, nos permitem abrir mão do entendimento do absoluto, ou melhor: do risco do desejo do entendimento absoluto.

Os clichês (às vezes vistos como vilões por alguns pensantes do cinema autoral e de invenção mais purista – a crença na “originalidade” é ilusão não tão incomum) nos aparecem como os pequenos destroços de nossos sonhos divinos, em que, no mar revolto e intangível do mundo, podemos nos segurar e olhar adiante, enfrentar a tormenta de códigos e dúvidas deste mundo vasto mundo. E assim assumir nossa completa ignorância sobre a verdade e jogar com os códigos que se acumulam ao nosso redor, no naufrágio maravilhoso que começa desde a primeira vez em que sentamos em uma sala de cinema.

Ao infinito, o cinema de gênero pode entregar nossos pequenos truques mortais e despidorados. A Deus, o cinema de gênero pode entregar nossas falhas orgulhosamente incontornáveis. Ao real, o cinema de gênero mostra os dentes, que podem sorrir ou morder.

O cinema de gênero, muito além de uma reprodução necessariamente industrial, é um gesto comunitário, coletivo de comunicação e imaginação, de desafio ao real normatizado, de questionamento ao contorno já comportado e fatalista da vida como estado de torpor e espera.

Não me interessam aqui, especificamente, as tentativas industriais (seja em Hollywood, seja aqui no Brasil) de subjugar a estética de gênero a uma mera fórmula para a atração de uma massa ávida por segurança e conforto narrativo. Isto é lá com eles, e cada um sobrevive como pode.

A despeito desses surtos industriais, a máscara, a fábula, as lendas, as taras, os sonhos, os delírios, os medos e os monstros são anteriores à indústria, e isso (essa origem ancestral) eles não nos tiram, não nos domam. No máximo, nos tentam emular.

É o cinema de gênero industrial que tenta emular os sonhos de um cinema de gênero livre e autoral. Não o inverso.

Nesses tempos da eficiência como ideologia e moral, acredito na força de um cinema de gênero fantástico, em especial (horror, terror, fantasia, fábula, erotismo), como caminho para alcançar mares mais revoltos e mais abertos, que possa colocar suas máscaras para se arriscar por ruas escuras e novas. E não apenas para subjugar o gênero a um discurso moral (seja de que tendência for), fazendo dele só um truque para sedução narrativa.

Cinema de gênero não é, em essência, um atalho estético, é um trampolim para olhares mais vastos. Penso em Glauber e o *western*, Sganzerla e o cinema *noir*, Julio Bressane e a chanchada (em si, uma máscara revisitada), Mojica e o horror – apenas alguns nomes centrais pra se pensar essa tradição nem um pouco nova no cinema brasileiro. Partir do gênero para vislumbrar o infinito das coisas. E hoje? Que traços podemos encontrar de um cinema que veste os trajes do gênero para cumprir rotas mais arriscadas nas brechas do real





CLAUN

já dado? Marco Dutra e Juliana Rojas e o terror? Karim Aïnouz e o melodrama? Cito alguns nomes com quem tenho mais afinidade e contato, naturalmente. Há mais nomes a investigar nesses caminhos, e seria simplista determinar uma lista. No panorama internacional, com algum risco: Apichatpong Weerasethakul, M. Night Shyamalan e Hayao Miyazaki são nomes incontornáveis hoje, e um certo cinema português tem me encantado também em seus flertes com a aventura rasgadamente romântica.

Madame Satã

Há um sorriso possível no canto do rosto do cinema de gênero autoral do qual falo e com o qual tentei flertar em minhas parcerias com a Marina Meliande: em *A fuga da mulher gorila* (um *backstage* musical no qual mais interessa o desejo de epifania que essa ideia do musical nos convida a intuir), *A alegria* (um falso filme de super-heróis poetizando as mitologias da vontade em torno desse gênero) e *Desassossego (Filme das maravilhas)*, um filme de aventura no exercício de se jogar em território imprevisível de paisagens que os fragmentos nos trazem.

Mais recentemente, meus esforços em parafrasear as narrativas de seriados japoneses, animês e videogames que povoam a cultura suburbana carioca por dentro de certa mitologia do carnaval me levaram a meu primeiro projeto transmídia, que transbordou da sala de cinema para a *web* e em breve uma HQ: *CLAUN*. Mais uma vez, repito: trata-se de um muito generoso esforço e uma aventura – nunca uma fórmula orgulhosa de si. Quanto mais se assumir como um jogo de sombras, de sonho, mais rico será o cinema de gênero – o que pede certo senso de humor, um riso irônico e generoso no olhar, ainda que não estejamos aqui no panorama da paródia (uma outra camada da história – atenção!).

Hoje, se vivemos um momento de extrema ebulição cultural e social – em que memórias sociais e mitos ancestrais se misturam nas ruas com nossos mais urgentes dilemas –, gestos artísticos (e cinematográficos, audiovisuais!) que não apenas queiram reportar, desvelar a verdade, mas que tenham a vontade de se propor a reencenar, sombrear, sobrepor e fabular comportamentos e signos de nosso imaginário (para além do tom da normalidade do registro), me parecem cruciais para fugirmos de uma atmosfera fatalista, simplista e politicamete extremista em que tudo se definiria entre a vida e morte, bom e mau, certo e errado, lado A e lado B, ou como processo histórico sem ruídos. Há de se manter o mistério na carne da imagem, a certeza da dúvida, a brecha fantasmagórica dos eventos.

Os rostos gritando, exigindo, pedindo, estão por aí multiplicados na internet, nos *facebooks*, em tudo, esgarçados como o real, esartejados em suas presenças, emergindo como fantasmas se erguem do chão – e acredito que uma arte que lide com as máscaras fantasmagóricas e os pesadelos e delírios de nossos dias pode ser um meio para se caminhar nesse terreno imprevisível.

Uma máscara porosa, que se derrame pelo corpo e mantenha o gesto humano e político e cultural como algo sempre e, ainda, abismado. E, por isso mesmo, vivo. ■

Felipe Bragança é cineasta.